

Estudante estuprada por padrasto quer fazer aborto

Operação deve ser feita em São Paulo, pois hospitais de Goiânia, onde ela vive, se recusaram

Rubens Valente

• SÃO PAULO. A estudante F., de 15 anos, que foi estuprada pelo padrasto e está grávida de cinco meses, poderá fazer um aborto no Hospital Jabaquara de São Paulo, após tentar mais de um mês na rede pública de Goiânia, onde mora com a mãe. O artigo 128 do Código Penal dá respaldo legal para o aborto em casos de estupro, mas os médicos de Goiânia se recusaram a fazê-lo, alegando razões éticas.

A família, que mora num dos bairros mais pobres de Goiânia, foi à Justiça e, acionada pela Defensoria Pública, a Secretaria de Estado de Saúde pediu ao hospital de São Paulo que faça a intervenção na adolescente. A resposta do hospital está sendo aguardada para esta quarta-feira, quando a ficha médica de F. será analisada por uma junta médica.

Padre tenta convencer família a desistir

O padre da catedral de Bom Jesus de Anápolis (GO) e presidente da organização não-governamental antiaborto Pró-Vida, Luiz Carlos Lodi da Cruz, tenta convencer a família a desistir do aborto. Ele esteve três vezes com a adolescente e diz que ela não quer mais retirar o feto, mas a mãe estaria insistido na idéia. Luiz Lodi ofereceu à adolescente acompanhamento durante o período de gestação na Casa da Gestante, que faz parte do Pró-Vida. O padre iniciou uma campanha, pela Internet, pe-

dindo que as pessoas mandem comunicados à direção do hospital para convencê-la a impedir que os médicos façam o aborto. Na página do Pró-Vida na Internet, o padre também ataca os jogos de azar e o homossexualismo.

— O estupro é um crime bárbaro, mas o aborto é muito pior, porque elimina uma vida e deixa um peso enorme na consciência da mãe — disse.

Defensora pública diz que menina está irredutível

A defensora pública de F., Ieda Rubens Costa, disse que tentou convencer a garota a assumir o filho, mas ela se mostrou irredutível. Ieda desconhece que a garota tenha voltado atrás. Agora, a defensora quer o cumprimento da lei e a garantia de que o Estado faça a operação "o mais rápido possível".

— Ela é uma garota decidida e esclarecida. Já me disse que, se eu não conseguir ajudá-la, vai fazer o aborto de qualquer jeito — disse a defensora.

F. cursa o segundo ano do Segundo Grau de uma escola pública e é considerada uma das melhores alunas da sala. Ela disse à defensora que pretende se formar em direito. Segundo declarou em seu depoimento na Delegacia da Mulher, foi estuprada em agosto, pelo padrasto, que já morava há 13 anos com a mãe, que é faxineira. Ele estaria alcoolizado e se internou depois numa clínica, mas fugiu assim que a denúncia de F. chegou à polícia e passou a ser procurado. ■